

“Eu, Samyly Vellaskes”¹

Rodrigo Lara Porto BIANCALANA²
Lilian Solá SANTIAGO³

Faculdade de Comunicação, Artes e Design do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP

RESUMO

Esse trabalho apresenta as motivações e inspirações, bem como referências técnicas e narrativas utilizadas na realização do curta-metragem documental “*Eu, Samyly Vellaskes*”. Este aborda o cotidiano do jovem Bruno Silva que, além de homossexual, é artista performático dando vida à *drag queen* Samyly Vellaskes. A ideia central do projeto é o retrato do difícil cotidiano desse artista que precisa enfrentar diversas questões profissionais e materiais, conflitos internos, relacionamento familiar e outras relacionadas à sua orientação sexual e ao enfrentamento da homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: curta-metragem; documentário, homofobia, LGBT, Samyly Vellaskes.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: rodrigolpb@terra.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: liliansantiago@superig.com.br.

1 INTRODUÇÃO

“*Eu, Samylly Vellaskes*” é um curta-metragem documental de 12 minutos, produzido pela produtora experimental Kimera Filmes da AECA - Agência Experimental de Comunicação e Artes - do curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, realizado em 2015. O projeto foi dirigido e roteirizado pelo estudante Rodrigo Lara Porto Biancalana, com produção executiva de Maria Carolina Castilho que também assina o roteiro, ambos do 5º semestre à época. A dupla, desde o início da graduação demonstra interesse e preocupação constante com a temática LGBT. A direção de fotografia foi realizada pelo estudante Lucas Marigo de Lima e a montagem pelos estudantes Isabela Leal e Bruno César, todos do primeiro semestre do curso.

Samylly Vellaskes é o nome artístico do artista performer Bruno Silva. O personagem nasceu em 2007, conquistando em seu primeiro ano de carreira o 2º lugar no concurso de novos talentos da tradicional boate de performance “*Double Face*” em Campinas. Em 2009 venceu o prêmio “*Drag Revelação*”. Em 2010, venceu o concurso “*Pride Club*”. Depois do destaque regional ele desafiou as fronteiras e arriscou-se em São Paulo na mais importante casa noturna do Brasil, ficando em 4º lugar no concurso “*Brazilian Drag Blue Space*” em 2011. No ano seguinte foi o vencedor do concurso “*Bate Cabelo do Programa da Eliana*”, alcançando projeção nacional⁴. Hoje ele é considerado referência na noite LGBT do interior paulista.

“*Drag Queens*” estão associadas inegavelmente à noite LGBT. Por várias décadas foram esses artistas performáticos que facilitaram a integração dos jovens (ou não) recém-saídos do armário ao meio gay. A primeira vez em que estive em uma casa noturna GLS, no começo dos anos 2000, a atitude encorajadora e receptiva de uma *drag* foi essencial para enfrentar o medo da experiência. Muitas das principais casas noturnas voltadas à comunidade LGBT exibiam shows performáticos como ponto alto da noite. Esses profissionais ainda recebiam a clientela na entrada e circulavam quebrando o gelo, entretendo e transformando em alegria a experiência, muitas vezes secreta, dos clientes.

As mudanças sociais, culturais e de costumes que tem impactado na diminuição do estigma gay, estimulando a aceitação da diversidade alteraram sensivelmente o panorama da noite gay. Casas tradicionais de espetáculos performáticos fecharam e deram lugar às “baladas modernas” (sem palco), em que o público gay e os simpatizantes heterossexuais -

⁴ Apresentação concurso Bate Cabelo do programa da Eliana disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yr9tVAqrK8g>

especialmente a parcela feminina- se misturam harmoniosamente. As casas que resistem continuam servindo de celeiro para a descoberta de novos artistas que, com a diminuição de espaços de trabalho, procuram alternativas para mostrar sua arte e sobreviver, já que, com raras exceções, os shows no âmbito gay tem sido cada dia menos valorizados.

É curioso que as “*drags queens*” parecem perder espaço na noite GLS para brilhar nos eventos e veículos tradicionalmente heterossexuais. Hoje são figuras constantes em *reality-shows*, programas de auditório, novelas, festas de famosos, e até em chás de bebê. São rainhas que, agora, precisam trabalhar em vários meios para continuar na profissão. Segundo Gabriel Cavalcante⁵, são raros os casos de carteira assinada com casas noturnas – o que no passado era a regra de ouro na disputa pela exclusividade. (CAVALCANTE, 2009, p. 6)

A narrativa do documentário apresenta fragmentos do cotidiano desse jovem que durante o dia leva uma vida simples de trabalhador típico das grandes cidades: praticamente invisível. É na noite, nos finais de semana, que ele se transforma na glamorosa artista e assume um protagonismo social. A relação com a família, principalmente com a irmã, que desde cedo atuou como uma verdadeira mãe, os conflitos na infância em decorrência de uma diversidade sexual que começava a aflorar já informam as dificuldades futuras que Bruno enfrentaria face ao preconceito e a homofobia. Ao mesmo tempo que Bruno se assume como artista, precisa encontrar o equilíbrio profissional e afetivo.

O espectador é levado a se identificar ou solidarizar com o personagem a partir da naturalidade do encontro exposto nas entrevistas. Não há uma conclusão fácil, nem um final feliz. A vida é plural e contínua, por mais que se enxergue uma luz no final do túnel a trajetória ainda é incerta e dependerá de uma mudança de mentalidade social. Essa é a contribuição proposta por esse produto audiovisual: a sensibilização do espectador como forma de plantar a semente da igualdade à comunidade LGBT.

2 OBJETIVO

O primeiro objetivo do curta-metragem foi propiciar ao espectador um mergulho audiovisual na subjetividade do mundo de uma *drag queen*, ou melhor, no cotidiano de um jovem gay e em sua vida dupla, já que de dia ele trabalha na recepção de um hospital e é na

⁵ Gabriel Cavalcante é produtor de espetáculos e shows voltados ao público LGBT. É, também, desenhista, bailarino, artesão e autor do livro sobre memórias de estrelas da noite GLS: “As Grandes estrelas do mundo LGBT vão Revelar” lançado em 2009.

noite que ele se transforma em uma das *drag queens* mais promissoras de sua geração: Samylly Vellaskes. Trazer essa vivência e deslocar o público levando-o a ocupar a posição social subjetiva deste personagem, foi a meta sensível utilizada como forma de interiorizar o debate em torno da necessidade do respeito às diferenças e a aceitação da condição homossexual, trazendo a discussão sobre diferentes identidades de gênero, orientação sexual e o entendimento do papel performático da arte *drag queen*.

Patrícia Rebello⁶ defende que o documentário é uma representação possível para a forma como o documentarista se sente e existe no mundo. É pela adoção dessa premissa que o trabalho foi realizado, como forma de construção de um conhecimento de um determinado mundo.

O objetivo mais específico foi apresentar a construção do discurso de rejeição de familiares aos entes homossexuais que, comumente se apresenta na expressão “o que os outros vão pensar” – remetendo o real problema da aceitação aos “outros” e não ao íntimo do seio familiar.

Em todos os aspectos o objetivo foi construir conhecimento sensível pelo audiovisual como forma de diminuir discriminação e o preconceito sem parecer didático ou dogmático, procurando, assim, atingir o maior público possível para a defesa da comunidade LGBT.

3 JUSTIFICATIVA

A discussão LGBT envolve paixões e preconceitos. Quando o assunto envolve *drag queens*, travestis e transexuais a confusão entre os termos e a ignorância alimentam paixões negativas e geram ódio e perseguições, sendo comum o leigo considerar tudo a mesma coisa.

A recente massificação midiática dos artistas performáticos *drag queens* não significa uma vida de glamour e isenta dos perigos da homofobia. A discriminação continua existindo, os ataques e perseguições aos travestis, transgêneros e transexuais ainda coloca o Brasil na assustadora liderança do número de assassinatos de membros dessa comunidade, segundo a ONG Internacional “*Transgender Europe*”⁷. Em setembro de 2014 a Secretaria

⁶ Silva, Patricia Rebello. Documentários performáticos: a incorporação do autor como inscrição da subjetividade / Patrícia Rebello da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2004. (pág. 16)

⁷ Transgender Europe (TGEU) é uma rede formada por diferentes organizações europeias de apoio a comunidade transexual que visa combater a discriminação e apoiar os direitos de pessoas trans. Foi fundada

de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) divulgou o mais recente “Relatório sobre violência homofóbica no Brasil” apontando que a cada hora, um homossexual sofre algum tipo de violência, os casos denunciados nos últimos 4 anos aumentaram em 460%⁸.

Os ataques de ódio, os suicídios de jovens gays pela não aceitação de suas famílias, a violência psicológica e os casos de discriminação aumentam impressionantemente sem que se vislumbre solução legal em curto prazo. O projeto de Lei 122, que pretendia criminalizar a homofobia, foi arquivado após 8 anos do texto bloqueado no Congresso. Falta vontade política que só aparece em discurso eleitoral. A atual composição do Congresso Nacional é a mais conservadora da história, repleta de pastores e latifundiários. Mudar esse cenário exigirá maior mobilização da sociedade. Mobilização que começa, inevitavelmente, no entendimento de que por trás de todas as diferenças somos totalmente iguais.

Entendemos que o audiovisual é um veículo importante para essa jornada. As comunicações de massa têm sempre a possibilidade de levar discursos a enormes plateias. Segundo Lufe Steffen:

“Durante décadas, o cinema ficcional brasileiro representou personagens gays através de visões um tanto estereotipadas, que acabavam provocando riso, deboche ou repúdio. Muitas críticas são feitas hoje aos filmes brasileiros do passado, por conta de tais representações – que podem ter contribuído para reforçar o preconceito contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais” (Steffen, 2016, p.9)

A partir do final da década de 90 surge uma geração de jovens cineastas que passa a expor o tema gay em seus filmes a partir de abordagens mais sensíveis e menos estereotipadas. Felizmente essa atitude tem se ampliado e é enorme a quantidade de curtas-metragens que passam a debater o assunto. Um expoente paulista é o jovem diretor Daniel Ribeiro⁹ que despontou com o curta de 2007 “*Café com Leite*” – premiado com o “*Crystal Bear*” no festival de Berlim de 2008, além de 7 outros prêmios nacionais. O reconhecimento credenciou a continuidade de seus projetos no tema. Em 2010 lançou o curta “*Eu não quero voltar sozinho*” – que arrebatou 20 prêmios ao redor do mundo e deu origem ao longa-metragem de 2014 “*Hoje eu quero voltar sozinho*” – que além do sucesso de público e de

em 2005 em Viena durante o primeiro Conselho Europeu Transgender como "Rede Europeia Transgender" e é atualmente uma ONG registrada como "Transgender Europe" Site: <http://tgeu.org/>

⁸ Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2014>.

⁹ Sobre o cineasta Daniel Ribeiro: http://www.imdb.com/name/nm2406154/?ref_=tt_ov_dr

crítica, tornou-se o candidato oficial do Brasil a uma vaga no Oscar de melhor filme estrangeiro de 2015.

“*Eu, Samylly Vellaskes*” bebe na fonte da necessidade social e relevância do tema e entende que é na produção universitária que reside o espírito da experimentação, seja ela estética ou temática. A construção audiovisual realizada procurou expor o cotidiano do homem por trás do artista, revelando relações profissionais, familiares e aspectos do convívio social desse “homem duplo” – desnudando momentos de ódio e o preconceito sofrido por esse indivíduo que serve de retrato de parcela da comunidade LGBT.

A grande motivação para a realização do projeto foi o brutal assassinato da enfermeira transexual Géia Borghi ¹⁰ (42) em outubro de 2014 na região de Campinas (SP). Géia era conhecida como a enfermeira-artista; de dia trabalhava na pediatria hospital municipal Dr. Mario Gatti e, nos finais de semana apresentava-se em shows transformista. Ela foi uma das maiores artistas brasileiras das caracterizações, das inovações e dublagens perfeitas, um dos ícones dos shows de transformismo dos anos 80 e nacionalmente conhecida pelo extinto programa “Clube do Bolinha” (TV Bandeirantes). No hospital, um dos maiores da América Latina, Géia era amada pelas crianças e respeitada profissionalmente. O destaque nacional e a ampla aceitação profissional não foram suficientes para evitar seu brutal assassinato. Após ter sido abordada em sua casa por dois homens, em Campinas, foi levada para Monte Mor (SP), onde foi torturada, queimada viva e baleada no peito.¹¹ Surge neste momento a vontade de manifestar nosso repúdio e tentar evitar novos crimes de ódio contra os LGBTs.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O projeto foi estruturado a partir da metodologia do Manual didático DOCTV do Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro. O DOCTV, é hoje o maior programa de produção de documentários através do apoio estatal no Brasil.

Verena Carla Pereira no artigo “A Produção de documentários através do DOCTV”¹², publicado na “Rumores” – revista online de comunicação, linguagem e mídias

¹⁰ Sobre Géia Borghi: <http://www.nlucon.com/2014/10/perfil-geia-borghi-enfermeira-artista.html>

¹¹ Sobre o assassinato de Géia Borghi:

http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/10/capa/campinas_e_rmc/213554-homem-e-encontrado-baleado-e-amordacado-em-monte-mor.html

¹² Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51143>

do Grupo de Estudos de Linguagem e Práticas Midiáticas (ECA-USP), traz a seguinte reflexão sobre a importância e alcance deste instrumento:

O DOCTV teve sua primeira edição em 2003, quando foi firmado o convênio entre o Ministério da Cultura (Minc), a Fundação Padre Anchieta (FPA) / TV Cultura e a Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC). Esse convênio foi mantido durante as três primeiras edições do DOCTV. Até 2006, foram produzidas três edições do DOCTV no Brasil (foi fomentada também a edição Ibero Americana do Programa, da qual iremos tratar mais abaixo), gerando 115 documentários, 3.080 horas de programação e 2.310 inscrições. Esse último número é altamente significativo se comparado as 210 inscrições que o Minc recebeu em 2001 antes da criação do DOCTV (PEREIRA, 2009)

O rigor do formato DOCTV propicia enorme qualidade na transposição de uma visão original documental para o seu produto final imagético. A metodologia, além de enriquecer o pacote criativo com exigência de base de sustentação sociológica, permite o desenvolvimento da proposta a partir de eleição de objetos de estudos e suas simulações de abordagem.

Após as pesquisas iniciais estávamos conscientes de que o melhor modelo de abordagem a adotar seria a concepção estética pautada pelo modo participativo, seguindo a tradição do cinema “*vérité*” de Jean Rouch. Bill Nichols, ao expor o conceito do modelo participativo em sua teoria sobre o documentário, orienta que a intenção primária desta técnica fundou-se na tentativa de levar o espectador a testemunhar um determinado mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja profundamente e não por um observador discreto que apenas trabalha com a montagem e insere seu comentário em voz-over. (NICHOLS, 2012, p. 154)

A motivação da adoção deste modelo está vinculada ao desejo de expor o subconsciente desse performer, despindo suas memórias, anseios, medos, desejos e carga emocional. Silvio Da-Rin, expressa que esse tipo de produção implica um processo de metamorfose a que todos os participantes são chamados a se submeter – aí incluídos seus autores (direção e equipe) e, potencialmente, os espectadores. (Da-Rin, 2006)

Uma preocupação que permeou a produção foi lição de Jean Rouch “sempre que uma câmera é ligada, uma privacidade é violada”¹³ – completa Da-Rin: violação que coloca problemas éticos e implica riscos para o realizador, mas que abre um novo horizonte de possibilidades de comunicação no campo do cinema. (Da-Rin, 2006, p. 149)

¹³ A frase é de Rouch (Le Monde, 16 set. 1971) – citado por Da-Rin.

Priorizamos a palavra com adoção integral da estratégia de som direto. A predominância da palavra se fez por diferentes estratégias, pela entrevista com a irmã do protagonista, pelos monólogos com Bruno-Samyly e pelas discussões entre Bruno e seu companheiro. Já o som direto foi importante para naturalização do encontro, para ambiência e para captar em tempo real reações diversas a presença de uma *drag queen* pelas ruas (ofensas) e dentro da casa noturna (aprovação do público).

Para naturalização do encontro foi necessário um longo processo de adaptação e de mão dupla: equipe e entrevistado. Primeiramente era preciso ambientar a equipe com a temática, com os lugares LGBTs e com a própria presença íntima da *drag queen*. Do outro lado, foi essencial desenvolver a confiança entre entrevistados e cineasta e romper a previsível “representação diante das câmeras” – em uma tentativa de capturar a espontaneidade essencial para cativar o público reticente ao tema.

Consideramos, para tanto a lição de Da-Rin ao comentar o sucesso das estratégias e metodologias de Jean Rouch em “*Crônica de um Verão*” (1961):

“Ao explorar intuitivamente a interpenetração entre os papéis que os atores representavam, os papéis que acreditavam representar e os papéis que os outros os viam representando, “*Chronique d’un Été*” tornava-se um filme sobre a relação de fecundação mútua entre documentário e ficção”. (Da-Rin, 2006, p. 156)

Essa abordagem participativa permitiu criar relações humanas, moldá-las e transformá-las pelo filme e para o filme. A equipe saiu modificada do encontro, mas, acima de tudo, Bruno-Samyly e sua família também passaram por modificações sensíveis. A luta contra a homofobia e pela aceitação das diferentes orientações sexuais está longe de terminar – como tentamos evidenciar pela última sequência de imagens gravadas durante a parada Gay de Campinas de 2015: há uma luz no final do túnel -mas ele é longo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Os primeiros contatos com Samyly Vellaskes foram apenas virtuais e suficientes para formatação de uma proposta de projeto a ser submetido ao processo de *pitching*.

O primeiro encontro com o artista aconteceu exatamente no dia da banca do *pitching*. A nossa intenção foi explorar essa adrenalina do encontro, desnudando o distanciamento e o estranhamento em benefício de uma apresentação (3 minutos) que

revelasse nossa ansiedade para tratar o tema. Motivados por alguns olhares de “espanto”, de risos e, acima de tudo, de estranhamento do público, sentimos na pele a verdade de que este projeto trata. A apresentação promoveu uma catarse.

Durante os 3 primeiros meses, frequentamos seu ambiente de trabalho, acompanhamos o processo de construção da personagem, shows, bastidores, conversamos com outros profissionais da noite LGBT e com familiares.

A narrativa seguiu uma ordem cronológica. Iniciamos resgatando eventos da infância de Bruno para expor o momento crucial em que a família começa a perceber que o menino teria uma orientação sexual diferente do padrão heterossexual e, assim passamos a analisar as possíveis consequências para essa criança. Na fase adulta o foco foi desnudar o momento em que ele se assume como homossexual e como artista perante a família, com as devidas implicações em sua vida emocional e material. Procuramos na memória dos envolvidos os momentos mais significativos e estruturamos esse eventos como pontos de virada ou obstáculos, além de pensar nas possibilidades de marcar determinadas passagens como as vozes duvidadoras da trajetória do herói de Joseph Campbell.¹⁴

A abordagem aplicada partiu da particularização do enfoque. Conforme Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2011, p.49) ao invés de visar grandes sínteses, análises ou interpretações de situações sociais mais generalizantes, buscamos um recorte mínimo, particular deste personagem. Bruno não representa mais do que si mesmo; assim como Samylly Vellaskes também não é uma síntese do mundo *drag queen*. Nosso enfoque foi pela valorização da subjetividade particular deste homem.

O projeto foi viabilizado com recursos captados entre os membros da equipe através de apoios de familiares e amigos. A estratégia de captação também aproveitou da plataforma de financiamento coletivo no site “Catarse” – para dar visibilidade ao projeto. O mini site do filme alcançou mais de mil e duzentas curtidas e o *teaser* do projeto ultrapassou a marca de 7 mil visualizações. No *facebook* o *teaser* atingiu mais de 30 mil visualizações.

O curta-metragem teve dezessete semanas de preparação, cinco semanas de pré-produção, uma semana de produção (gravação). A finalização aconteceu durante o mês de outubro. O orçamento final do projeto foi de R\$ 4.532,25

¹⁴ Jornada do Herói: é um conceito de jornada cíclica presente em mitos, de acordo com o antropólogo Joseph Campbell. Como conceito de narratologia, o termo aparece pela primeira vez em 1949, no livro de Campbell "O Herói de Mil Faces". Disponível em: Joseph Campbell Foundation - <http://jcf.org/new/index.php>

6 CONSIDERAÇÕES

“*Eu, Samylly Vellaskes*” buscou retratar as dificuldades e alegrias da vida de um jovem homossexual que divide seu cotidiano em polos antagônicos: o trabalho diurno em um hospital e a vida noturna como artista performático e militante LGBT. Resgatamos uma parte de sua infância, expondo as dificuldades da família aceitar a criança que desde cedo dava sinais sobre sua orientação homossexual. O nascimento da personagem Samylly Vellaskes foi apresentado em paralelo ao medo da família (drogas e prostituição). A construção de seu relacionamento afetivo com o jovem Douglas e particularidades dessa união estável de 9 anos também foram retratadas para mostrar o atual estágio de relacionamento familiar. Por fim, Bruno e Douglas, demonstraram que entendem que a personagem Samylly Vellaskes não irá durar para sempre e que quando chegar a hora da despedida dos palcos, o casal continuará ativamente na militância em defesa dos direitos LGBT.

Acreditamos que o resultado final atingiu os objetivos propostos, como reflexão e de estímulo ao enfrentamento da homofobia e defesa da causa LGBT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Sheila Curram. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CAVALCANTE, Gabriel. **As grandes estrelas do mundo LGBTT vão Revelar**. São Paulo: 269, 2009.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

DOCTV Brasil. **Roteiro da Oficina para Formatação de Projetos - Manual Didático**, 2012.

LINS, Consuelo; MESQUIA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

NICHOLS, B. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papirus, 2012.

STEFFEN, Lufe. **O Cinema que ousa dizer seu nome**. São Paulo: Giostri Editora. 2016.